

SUDÁRIO, Júlio da Silveira. Formadores de cidade. Correio Popular, Campinas, 31 jan. 1974.

FORMADORES DE CIDADE

Júlio da Silveira SUDÁRIO

Eu ia começar este artigo definindo um obelisco. Mas prefiro explicá-lo. É um monumento de granito, geometricamente conhecido e sobretudo muito prestante e difundido e que só dá certo no sentido vertical. Sua extremidade superior termina em pirâmide. O final deste artigo explicará melhor sua filosofia pragmatista.

Conheci um magistrado velhinho que era verdadeiro arquivo de fatos do Segundo Império. Fazia revelações históricas sobre homens e coisas verdadeiramente surpreendentes. Quando referia o Conselheiro Rui Barbosa dizia jocosamente que um neologismo interessante existia na época. Era o termo barboseira porque o nunca jamais em tempo algum bastantemente louvado e condenado baiano falava e escrevia tanto que os grandes da época, tal o seu enciclopedismo, se saturaram. E veio a sátira. Barboseira devido aos longos estudos, pareceres, artigos, conferências, algumas de quatro horas de duração. Escrevia tanto que às vezes suas orações eram lidas por terceiros. Registro o fato porque as publicações ubéls e inúteis sobre Campinas estão ficando longas demais.

Barboseiras.

Temos um grande prefeito e uma importante comissão de festas históricas. Os dois setores estão sobrecarregados de trabalhos estafantes tal a soma de programas, de idéias, de sugestões, de publicações que aparecem às carradas.

Tenho também umas sugestões dadas as complicações que estão surgindo em vários setores. Não pense o leitor que vou sugerir a organização de um grupo ou "Ordem dos Piratas" para assaltar a caravela da Lagoa do Taquaral. É uma coisa muito mais simples. Raspar todos os nomes do monumento da fundação, do Largo do Rosário, deixando no mesmo apenas o de Barreto Leme. Tenho lá dois pentavés e um quarto avô entre os oito registrados, sendo todos da família do Fundador. Não me sentirei geneologicamente roubado, porque em matéria de genealogia tenho minhas idéias. E existe mesmo um fato histórico que refere a angústia de criar nobres na família. Tal angústia levou um clássico do assunto, desavisado e fantasista que, para distribuir brasões, colocou um titular castrado como responsável por luzida geração.

Esse titular português não era meu ascendente.

Acho suficiente apenas o nome de Barreto Leme. Até que se prove o contrário ele é o fundador. Seja por idealismo, por religião, para dilatar a fé e o império, para valorizar suas terras, é certo que formou Campinas ao longo da estrada das Bandeiras e do povoamento dos nossos "desertões", como escrevia Pero Lopes de Sousa no seu "Diário de Navegação da Armada". Parece que aqui nunca existiu ouro ou pedras. Somente criação, agricultura, caminho de tropas e tropeiros.

Barreto Leme é um marco oficializado. Outros naturalmente aqui estiveram antes do taubateano porque os paulistas sempre foram muito andejos.

Bastará o seu nome no Largo do Rosário.

Essa história de colocar mais nomes ao lado do fundador é riqueza de imaginação. Ficarão coisa sem fim e ociosa. Colocar um padre, um bispo, um morgado, um barão e sua esposa, num mesmo monumento é complicar a história. Formaram também a cidade o primeiro escravo, o primeiro protestante, o primeiro arquiteto, o primeiro engenheiro, o primeiro espírito e outros tantos primeiros que respiraram nossos ares e que tiveram muito mérito, cada qual no seu setor. Bastará Barreto Leme. O Morgado de Mateus que nomeou o taubateano foi apenas delegado da Corôa.

Mas voltemos ao obelisco. Conheci uma cidade que teve um fundador. Doou o patrimônio ao Espírito Santo e Deus ficou sendo seu sócio, comanditário ou não, não interessa.

Como toda cidade tem historiador ou historiadores bons, regulares ou maus lá veio a sugestão de um obelisco na praça. O obelisco tem quatro faces e grande altura. Como não havia granito e nem verba fei feito de cimento com salpicos de malacaxeta. Um poeta sugeriu que cada lado tivesse uma cor da bandeira: azul, branco, verde e amarelo. A "Ordem e Progresso", saudade de Augusto Comte, estaria implícita, seria óbvio na grandeza da cidade. Surgiu a primeira dúvida. Monumento de pedra deveria ter cor de pedra, de pátina, e nada de tintas e cores. Que continuasse pelas éras até que se reduzisse a pó que é cor do princípio e do fim. Tu és pó e ao pó retornarás.

A comissão do primeiro centenário se reuniu e ditou soberanamente as regras. O prefeito era o presidente honorário. Foram colocadas as placas. Ao fundador propriamente dito, ao fundador intelectual, ao fundador hierárquico, sociológico, nonológico, ao grau 33 da maçonaria, ao primeiro prefeito e ao último, ao padre, ao primeiro juiz da comarca, à primeira parteira, ao primeiro médico, ao primeiro boticário, ao primeiro professor, etc. Um irmão do Dioginho (Diogo da Rocha Figueira), dono de um bar, pessoa influente, achou que bandido fazia parte dos primeiros. Ninguém concordou. Um advogado imaginoso achou que se devia repetir o que ocorreu com um célebre monumento francês. Deixassem um lugar vago para colocarem placa de político influente. Cada vez que figura maior subisse ao poder a placa seria desparafusada e substituída rapidamente.

Tudo foi feito da melhor forma ou da pior, não sabemos.

O obelisco, homenagem singular, ficou pluralizado.

E no grande dia comemorativo do Primeiro Centenário, descerradas as coberturas com discursos, bandeira, música, autoridades, escolares e povo, surgiu uma pequena placa, colocada bem no alto, com uma data. 10 de dezembro de 1906.

O historiador, curioso, perguntou ao prefeito o que era aquilo. Que significava 10 de dezembro de 1906?

O governador explicou que era por motivo estético. Sobrara um cantinho que não dava certo no conjunto. Era o dia do aniversário de sua esposa, a Margarida, o mesmo que Rita que em grego quer dizer Pérola. A cidade era a pérola da região. Como não havia acordo em matéria de datas era preciso uma data simbólica.

E todos viram que era bom.